

# Porque não falam as autoridades nos cem mil contos de notas de 1.000 escudos que foram encomendadas à casa Waterlow juntamente com as de 500? Se essas notas não foram encontradas

## O PROBLEMA DA ILUMINAÇÃO

### A bem dos consumidores extinga-se o monopólio da energia eléctrica!

O conflito travado entre a Câmara e a Companhia do Gás já passou por todas as fases; as platônicas e as trágicas; as platônicas nada de bom nem de prático resultou para os consumidores; as trágicas houve a morte do vereador Beja da Silva cometida pelo espadachim António Centeno, habilíssimo em distribuir estocadas que têm enchedo os seus cofres e trespassado os bolsos das populações. A última fase — é essa em que o conflito se encontra — é a mais interessante e pode ser a única proveitosa para os interesses dos consumidores.

A Câmara retirou a licença à Companhia do Gás e anunciou que ia abrir concurso para o fornecimento de energia eléctrica. Esta é que é a melhor solução do conflito; outra qualquer que se tome só pode servir os interesses da Companhia em detrimento dos da população. Esta solução não só é a mais prática como a mais fácil de realizar. Meter na ordem uma Companhia que como a do Gás se encontra só em campo, usando e abusando escandalosamente dum monopólio que embora não exista de direito existe de facto, é extremamente difícil. Tão difícil que nunca uma vereação o conseguiu, tendo sido aquele odioso monopólio um verdadeiro Estado dentro dum Estado. A Companhia do Gás tem sempre procedido autocraticamente trocando dos consumidores e roubando-os com tal audácia que dá a todos nós o direito de verberar, nos mais indignados termos, o cínico bandoleirismo dos seus dirigentes.

Forneceu-se ar em vez de gás, impingiu-se uma luz eléctrica que muitas vezes não tinha o poder iluminante do petrólio, do anacrónico

petrólio e deixou-se a cidade às escuras. A acção das vereações quando não se resumiu numa inação criminosamente sintetizou-se numa impotência significativa.

A Companhia do Gás para roubar a população tem usado de trucos como o da cobrança dos sélos de recibo — que não lembraram ao mais cadastrado dos vigaristas, trucos perpetrados pelos homens de bens — confundir com homens de bem — que a dirigem, com o fito de andarem sempre com suas mãos indignas metidas nas nossas algibeiras.

O único remédio é cortar o mal pela raiz. Extinga-se o monopólio, mas extinga-se desde já, sem receios pueris, sem hesitações absurdas. A ocasião que se oferece é excelente; desaproveitá-la seria um erro de tremendas consequências, funestíssimo para os interesses dos consumidores.

A Câmara feve, ultimamente, entradas, rompentes de leão; se transigir, se abdicar terá saídas de sendeiro que a cobrirão de ridículo e de vergonha. A sua actual atitude colocou-a entre a espada e a parede e se optasse por qualquer solução conciliatória a todos assistiria o direito de a declarar constituída por burlões — e nôs desse direito não abdicarímos. Haveria toda a razão para que os municípios praticassem a boa acção de escorrer uma câmara que brincava com os seus interesses e zombava da sua credibilidade.

Ou se acaba com um monopólio que não está sancionado por nenhuma lei ou tudo isto não passa de uma repugnante comédia.

## Notas & Comentários

### Utilidade pública...

Há pequenos nados que dão a nítida noção da inteligência da polícia e do desleixo que preside a todas as instituições burguesas, incluindo as chamadas de vigilância social. A polícia vendeu em leilão as máquinas de fabrico de cédulas falsas que foram descobertas há tempos num prédio em construção na rua do Visconde de Sarzedo. A Epoca estranhou esse desleixo da polícia. Talvez aquele jornal não tenha razão. Parece-nos que, em face do exemplo que vêm sendo dado pelos de cima, não há que estranhar que a polícia venda aqueles que podem considerar-se já de utilidade pública...

### Aniversário de «A Batalha»

Passa no próximo dia 23 de Fevereiro o 7.º aniversário de «A Batalha». Estes longos anos de existência e de luta são o grato indicio de que o proletariado começa a encarar a sério a defesa das suas reivindicações de classe e a compreender as vantagens da manutenção de um aguerrido órgão na imprensa. Constituiu-se uma comissão que está preparando interessantes festas para comemorar a feliz data proletária. Essas festas terão lugar nos dias 21, 22 e 23 de Fevereiro. Num desses dias realizar-se-há, num dos melhores teatros de Lisboa, uma festa de homenagem à Batalha. Para tratar desse interessante assunto reúne-se hoje, pelas 21 horas, a reunião comissão.

### Manuals e intelectuais

No Parque da Cidade, em Barcelona, diz-nos a Agência Havas, foi oferecido um lanche em homenagem ao artista e literato Santiago Rusinol, por um grupo de operários. Um destes, usando da palavra, declarou que o elemento trabalhador havia querido também testemunhar a sua simpatia pelo artista, já festejado pelos intelectuais. Santiago Rusinol respondeu que pertencia também ao povo, e que era igualmente um trabalhador da pena. No final foi aclamado por uma enorme multidão, sua maior parte composta por operários.

### MALAS POSTAIS

Pelo paquete inglês «Darrow» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo da caixa geral a última tiragem da correspondência ordinária às 11 horas e para as registadas recebe-se até às 9 horas.

## O PROBLEMA DA ILUMINAÇÃO

### A bem dos consumidores extinga-se o monopólio da energia eléctrica!

## Ao homem do Angola e Metrópole, onde estão? No Banco de Portugal?

Se o arguto António Maria não toma a feliz resolução de afastar o juiz Pinto de Magalhães da direcção das investigações sobre falsificação das notas, e se não tem a humiliosa ideia de substituir aquele magistrado pelo dócil Alves Ferreira — o crédito do país andaria decretado pelas ruas da amargura. O Banco de Portugal estava com certeza em maus lençóis. E quem diz o Banco de Portugal diz o sr. Inocêncio Camacho, o sr. Mota Gomes e muitos dos que se encontram còmodamente instalados na direcção daquele estabelecimento de crédito.

O António Maria é um homem esperto — e sabe muito bem o que faz. O Alves Ferreira, obedecendo-lhe, também não perde o seu tempo... Tôdas as suspeitas que vinham recaendo sobre o Banco de Portugal vêm sendo pacientemente desviadas por Alves Ferreira. Princípio éste por falar pelos cotejos, metendo os pés pelas mãos lançando poeira nos olhos do povo, gritando num ar triunfante que estávamos em presença duma grosseira falsificação de assinaturas mas não explicando nunca a razão porque nos arquivos do Banco de Portugal apareceu uma lacuna larga de correspondência com a casa Waterlow, que anteriormente à encomenda das notas se trocava numa média de sete cartas por mês.

Alves Ferreira foi deixando, pouco a pouco, de falar, substituindo o sorriso amavel que dispensava aos representantes da imprensa por aquelas vergonhosas notas oficiais que não dizem nada. Propositadamente, tem-se feito um criminoso silêncio sobre as notas de mil escudos que foram encomendadas à casa Waterlow, no mesmo ofício em que se encomendavam as de quinhentos. Nesse ofício — encomenda em que se fornecia à casa inglesa a escala das notas, mandavam-se também, como os leitores devem estar lembrados, cerca de cem mil contos em notas de 1000 escudos.

Ora, ao Banco de Angola e Metrópole atribuiram as autoridades apenas a passagem das notas de 500 escudos — não lhe atribuiram a falsificação e passagem das de 1000 escudos.

De resto não nos consta que essas notas de 1.000 escudos tivessem sido encontradas no referido Banco. O que temos verificado é o empenho, o cuidado da parte das autoridades em não mexer no assunto, em não lembrar sequer a existência dessas notas.

Ora, admitindo que a encomenda em vez de partir, como estávamos convencidos de que partiu, do Banco de Portugal, viera do Angola e Metrópole, seria lógico que nos cofres destas notas fossem encontradas. Mas esse dinheiro não aparece. Se o Angola e Metrópole não o possui, onde se encontra ele, afinal?

Cem mil contos em notas de mil escudos não se ocultam com facilidade; não cremos que Alves Reis o Bandeira os possuam na algibeira do colete.

A casa Waterlow fabricou esse dinheiro — ele deve encontrar-se em qualquer parte. Gostaríamos que o austero Alves Ferreira nos explicasse este caso estranho. Estamos certos de que ele nos explicaria tanto este caso como explicou o motivo por que nos arquivos do Banco de Portugal não existe correspondência trocada com a casa Waterlow durante o período em que duraram as negociações referentes às mesmas notas.

E nem o Século tão desinteressantemente empenhado em esclarecer a opinião pública referir a valor a este ponto importantíssimo, a este parafuso da questão...

O povo, porém, tem todo o direito a exigir que lhe digam onde estão metidos os cem mil contos de notas de 1.000 escudos.

Parece-nos que as pessoas que têm seguido de perto a campanha da Batalha e possuem dois dedos de inteligência concluirão lógica e facilmente por compreender que, tendo sido — como tôda a gente sabe — encomenda feita pelo Banco de Portugal, ou melhor pelo sr. Inocêncio Camacho, e não se encontrando as notas em poder das criaturas componentes do Angola e Metrópole — elas devem estar, evidentemente — no Banco de Portugal.

Tendo indicado que o nosso raciocínio é lógico. Entretanto, será bom relembrar, para reforço da nossa opinião, que o Banco de Portugal ao aceitar as notas de quinhentos escudos trocava-as por notas de mil escudos que ainda não haviam sido postas em circulação.

Verifica-se mais uma vez que o Banco de Portugal, o desacreditado Banco de Portugal onde se praticam incorreções graves na escrita e que está ainda por liquidar o desacreditado deságio de 44.000 contos, se limitou a trocar por notas falsas de 1000 escudos as notas falsas de 500 que, pelo punho de Inocêncio Camacho, tinham sido encontradas à casa Waterlow.

E tão grande a culpabilidade do Banco de Portugal e do Inocêncio Camacho que lhes deu aquela segurança, aquele sangue-frio inexplicável, aquele gesto temerário de trocarem todas as notas consideradas falsas que surgessem!

Querem melhor indício, mais forte razão para apontar como culpado o Inocêncio Camacho cuja assinatura se encontra no ofício de encomenda das notas de 500 e de 1.000 escudos?

Negar a formidável acusação que estes factos encerram contra o Banco de Portugal é querer meter os dedos nos olhos do povo!

Só o juiz investigador, esse homem que nas garras dos interesses inconfessáveis que na sombra se concertam é um ridículo e odioso fantoche — não repara nestes factos, não os observa, não segue a pista que eles apontam!

Só os jornais vendidos aos Alfreves da Silva e aos homens do Banco Ultramarino, aos Burnay e aos homens do Banco de Portugal não vêm a verdade iluminada pelos fulgurantes raios de luz que destes indícios se desprendem!

Só o governo, empêncio em salvar os falsários do Banco de Portugal que à parte este negócio escuro traçaram em circulação absolutamente denunciados 130.000 contos de notas ilegais, de notas falsas, fecha os olhos perante a acusação tremenda dos factos!

O povo, porém, vê — e acusa!

rosas dos seus colegas (?) e daí apelamos para que se juntem e um esforço violento sacudam de sobre os ombros o peso das implicações que aqueles que já foram académicos lhes lançam, magoados pela baixa mentalidade dos que deveriam dar belos exemplos de aguerrida e desordenação moral e que infelizmente não são no nosso país os «caranguejos» que todos sabem.

Que se levante uma voz de académico tentando purificar, arrear, o rançoso ambiente das escolas, dilacerando sem peias os costumes descabidos por antiquados que os nossos estudantes teimam em nos impingir! Será possível fazer dum palhaço um homem?

Porque não tentar?

LIBERTUS

rosas dos seus colegas (?) e daí apelamos para que se juntem e um esforço violento sacudam de sobre os ombros o peso das implicações que aqueles que já foram académicos lhes lançam, magoados pela baixa mentalidade dos que deveriam dar belos exemplos de aguerrida e desordenação moral e que infelizmente não são no nosso país os «caranguejos» que todos sabem.

Que se levante uma voz de académico tentando purificar, arrear, o rançoso ambiente das escolas, dilacerando sem peias os costumes descabidos por antiquados que os nossos estudantes teimam em nos impingir! Será possível fazer dum palhaço um homem?

O povo que por ali assistiu, enojado, ao grotesco espetáculo, desbaratado o reforço académico, e do conflito, lamentavelmente, resultaram algumas facadas que se teriam evitado facilmente se os que mantêm a ordem não fossem, em geral, os instigadores do agravamento de todos os conflitos que procuram liquidar...

Em Lisboa, tôda a gente o sabe, há também numerosos académicos cultores da graça carnavalesca que tem dado bons provas nos conflitos numerosos que tem causado a sua arcaica concepção de gôsio.

Nós não aconselhamos a tareia do lavrador do Norte, como remédio eficaz para a cura da palhacica doença; mas julgamos que entre os nossos académicos alguns haverá que vêm com desgosto as atitudes indecorosas.

No caso de se recusarem a assinar tal declaração, os dois funcionários serão imediatamente expulsos. — (L.)

As fundações da C. G. T. chinesa

No edifício da Universidade de Pequim reúnem-se, há cerca de três semanas, os delegados de várias organizações políticas chinesas, entre elas o Partido Comunista, União dos Estudantes, uma delegação nacionalista de Cantão, etc. Assistiram a esta reunião numerosos estudantes, operários e intelectuais. Protestou-se com energia contra o assassinato do dirigente Lihua, dos sindicatos operários de Cantão. Proclamou-se solenemente a reconstituição de uma C. G. T., cujos estatutos foram logo aprovados e nomeado um comité executivo.

Pequim foi indicada para sede da nova organização, que tem um carácter exclusivamente nacionalista, defende a colaboração da classe operária na luta contra os estrangeiros e propugna a defesa da independência chinesa. Os comunistas, que têm participado activamente na luta nacionalista, procuram ganhar influência na organização renascente.

Considera-se que Fen-Yu-Siang se tornou muito antipático aos militaristas, e que a sua retirada teria por fim aliviar a atmosfera política.

E' sobre ela que recai a responsabilidade da constituição do novo governo de coligação de Pequim, formado na sua maior parte por nacionais.

Na comunicação feita por Fen-Yu-Siang a este governo sobre a sua intenção de se retirar da vida pública, declarou que a prolongação da guerra traria grandes perigos para a China, e condenou os militaristas.

Os generais, comandantes do seu exército, declararam no entanto que sustentariam o novo governo, e que estavam decididos a manter a paz e auxiliar o povo de que se consideravam os servidores.

O governo anterior, chefiado por Tuan, comunicou que Fen-Yu-Siang, pedira a sua demissão, dizendo que tinha manifestado vontade de se entender com as potências.

Os novos ministros da justiça, interior e instrução pública do governo de Pequim pertencem ao partido do defunto «democrata» Sun-Yat-Sen, que preconizava um entendimento com a Rússia bolxevista.

Os movimentos revolucionários desenrolam-se sobretudo à volta de três grandes cidades: Cantão, no Sul; Xangai no Centro, e Pequim no Norte, e é sobre os acontecimentos sucedidos nesta cidade, que recentemente nos tem falado mais o telegrafo.

Ultimamente as tropas chinesas estavam agrupadas à volta de três homens: Fen-Yu-Siang, comandante dos exércitos nacionais; Tchang Tso Lin, o ditador mandchú enfeite dos círculos de Cantão, e Kuo, ex-oficial de Tchang Tso Lin, que lhe permitiram que uma multidão de interesses procure largar a lama da prisão, não permitindo que um grupo de vanguarda procure largar o salto de tigre para se apoderar do filão que é o exclusivo do fabrico dos tabacos.

Terá o pessoal competência para enfrentar a responsabilidade do regime de sociedade? Estará o pessoal à altura de administrar os círculos das fabricas?

Se está lance-se nesse movimento, estando conveniente o assunto e apresente soluções que mais convenham aos seus interesses. Mas faça-o sem demora, não deixe perder a melhor oportunidade, não permita com o seu indiferentismo que uma multidão de interesses procure largar a lama da prisão, não permitindo que um grupo de vanguarda procure largar o salto de tigre para se apoderar do filão que é o exclusivo do fabrico dos tabacos.

As direitos do pessoal não se falam, dos direitos expressos na letra do contrato não se falam nem mugir porque não convinha a caminharia, porque não agrada a caterva.

Não falou esse jornal, mas vamos falar nós, vamos dizer até onde podem ser prejuízos os operários com 20 e mais anos de casa se não fôr acautelada a sua situação. Falo-hemos ao abrigo do contrato que vai caducar, porque é nele que estão conferidos direitos na perspectiva de desaparecerem.

Não será neste artigo. Será em outros, que serão tantos quantos sejam convenientes.

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO  
GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores

Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$00; Funchal, 3 meses 23\$50; África Portuguesa, 6 meses 70\$00; Espanha, 6 meses 110\$00.

DEP. LEG.

QUINTA FEIRA, 28 DE JANEIRO DE 1926

## A QUESTÃO DOS TABACOS

### Salvaguardem-se os

## ESCOLA ÚNICA

A Escola Única continua a ganhar terreno, o que prova que ela não é apenas uma teoria, mas também uma prática. O Grande Conselho da República do cantão de Genebra, à semelhança do que fizera para as meninas, suprimindo a 7.ª classe liceal (o que corresponde à 1.ª classe entre nós), vai fazer o mesmo quanto aos rapazes, alterando o art. 205 da lei de instrução pública, e pelo qual passam a ser admitidos na 6.ª classe liceal (correspondendo à nossa 2.ª classe liceal) os alunos da 6.ª classe das escolas primárias.

Já se sabe que este caminhar não deixa de encontrar obstáculos de várias espécies... e nem todos se dignam recebê-la com aplausos. Há notícias discordantes por aqui, por ali.

Para certos indivíduos, a Escola Única é uma "macaça", que lhes ofenderia a sua inéria mental, a sua proverbial mandriice, viria perturbar-lhes a vidinha folgazã e despreocupada, obrigando-os a tornarem-se as suas funções e a desvirtuarem-se de coisas mais lucrativas. Dar-lhesia muito trabalho, tirá-los da ramarro burocrático, da vida fazerem, ou, pelo menos, de fazerem, naquela cova que exalam um cheiro nauseabundo, que os moradores do pátio não podem deixar de suportar.

No entanto, nem sub-delegado de saúde, nem a Câmara Municipal se preocupam com tal desumanidade, parecendo que a vida e saúde dum centena de criaturas que ali moram não merece consideração e respeito.

## UM PERIGOSO FOCO DE INFECÇÕES

Na rua Garibaldi, antigo pátio Vila Maia, à Estréla, existem umas moradias de gente pobre cujos proprietários, António Lopes e Manuel Lopes, só se preocupam em receber as rendas, pois nem sequer cuidam das regras de higiene.

Conteúdo, porém, que o cano colector está entupido há mais de três meses, e tendo alguns dos inquilinos procurado os novos ricos proprietários para mandarem fazer as referidas obras, eles se têm recusado a tal, não os interessando a saúde dos inquilinos que por sua infelicidade ainda habitam tais casas.

Naquele rua dezenas de crianças que, durante o dia, estão sujeitas a absorver os gases pestilentes do tal imundície prejudicando-lhes a saúde, bem como uma criatura no último grau de tuberculose, que mora no local onde o cano está entupido, prejudicando ainda mais a grave enfermidade que a retém no leito. E os tais senhorinhos a vida se movem, tendo nôs visto já os dejectos naquela cova que exalam um cheiro nauseabundo, que os moradores do pátio não podem deixar de suportar.

Outros, afeitos à tradicional trindade do Ler, Escrever e Contar, declararam-se partidários entusiastas da campanha contra o analfabetismo... —velha tecla já muito gasta de tanto uso.

Estes julgam que ainda estamos na época em que a referida tríplice era considerada um saber, e não, como agora, um meio de saber. O nível mínimo do saber que hoje exige a civilização está no que a escola prima, prolongada até aos 14 anos, pelo menos, deve proporcionar. Uma educação de ser civilizado não pode restringir-se ao saber ler... jornais, ao saber escrever... cartas anônimas, e ao contar... os ordenados dos empregos que se acumulam... patrioticamente.

Leer, escrever e contar não é, nenhuma como instrução, e, sobretudo, como educação. O ler, escrever e contar não é superior ao analfabetismo, quando, não sendo completado pela devida instrução e educação, apenas mascara uma ignorância crassa da vida, sob a capa de um meio ou falso saber, que dissolve caracteres e corrompe insegurias.

Outros há que ainda estão na fase em que a Pedagogia é uma abstração, fora da realidade social, e julgam ainda que ela não é, essencialmente, uma ciência social aplicada, nem é um dos problemas mais importantes da questão social.

E, todos, cheios da sua falsa visão, declaram que a Escola Única é mais uma doutrina política (?) e social do que pedagógica ou são também!

E, exactamente porque a Pedagogia é um fenômeno social, fundamentalmente social, que ela depende e tem dependido sempre das concepções e ideais sociológicos e, portanto, todos os seus problemas e todas as suas questões são sociais e fazem parte da questão social. E não fazemos descoberia alguma, nem invenção digna de registo, se dissermos que estamos plenamente de acordo com que a Escola Única é um problema social, uma questão social. Pelo que provam que não sabem o que é a Escola Única, ou não sabem o que é a Pedagogia...

Há também os financeiros... os que vêem em tudo uma questão de dinheiro, e que nada fazem senão com muito dinheiro. Ora quem diz que a Escola Única exige uma despesa que as finanças portuguesas não comportam prova não conhecer o que é ela, e comece três crassos erros, por quanto não sabe, ou não querer dizer que:

1.º Em educação toda a despesa dá largos rendimentos. O capital social empregado na educação do povo é o que produz mais rendimento e fomento colectivos.

2.º A criação da Escola Única é uma economia, quais compensadora, visto que traz consigo a extinção de todas as escolas que, numa concorrência desinteligente, admitem menores de 14 anos: as escolas elementares industriais, comerciais e de desenho, as três primeiras classes liceais desapareceriam e, até, alguns liceus, cuja existência apenas se justifica e se sustenta por essas três primeiras classes. Mesmo que houvesse aumento de despesa, nós julgamos que em Educação não se deve regatear dinheiro, sempre que ele seja aplicado no que é necessário, e a Escola Única é uma necessidade colectiva, indispensável a uma boa educação social.

3.º Não somos tão pobres como é uso afirmar, por quanto se gasta muito dinheiro em tanta coisa supérflua, inútil e impropositiva. Um Estado que desperdiça (mais de 200 contos num favor a um jornal que organiza uma caligrafia brutal atraiva do país, um Estado que espatifa imprevidente e constantemente aéroplanos, que dá pensões a quem herda mais de cem contos em bens, não é evidentemente pobre.

(Continua)

## Uma cooperativa em ebulição

Recebemos a seguinte carta cuja publicação nos é pedida e que é assinada por um grupo de sócios da cooperativa de Pão a Persistente:

Sr. director de A Batalha: — Na cooperativa de Pão a Persistente estão-se passando factos que revelam a intenção de falsear todos os princípios cooperativistas e destruir a doutrina consignada nos estatutos desta colectividade:

O § 1º do art. 8.º diz que: «O capital mínimo com que cada associado pode contribuir é o valor de uma ação e o máximo de cem; ou seja o mínimo de 500\$00 e o máximo de 5000\$00.

Pois a actual Comissão Administrativa que nem funções directivas possue entendeu não dever respeitar a lei e fazer aumentar o valor de cada ação para 1000\$00 sem reforma dos Estatutos. O que preceitua o parágrafo indicado não facilita ao associado concorrer até à importância de 5000\$00?

Então porque procedeu assim a actual Comissão Administrativa que diz precisar de capital e se recusa a admitir sócios regeitando propostas de pessoas idóneas?

Na assembleia que fez aprovar o aumento citado sem a reforma dos estatutos se feita secretariou um indivíduo que nem sócio era. Visto constar que a Comissão Administrativa está já cobrando o aumento de ação, o que portanto quer dizer se acha disposta a eliminar ilegalmente os associados, alguns com 27 anos de sócios, preguantos à Federação Nacional das Cooperativas o que diz a este respeito e fazendo constar em instâncias legais competentes o que se passa aqui dentro desta Cooperativa pedindo a sua imediata fiscalização.

Extranhamos que a isto assistam sem protesto defensores dos princípios cooperativistas tais como os sr. Ruiro de Carvalho e dr. José Ernesto Dias da Silva.

## Ocorrências diversas

No Arco do Cego, a madrugada passada, chocaram-se dois eléctricos, resultando fícar ferido na cabeça o guarda-íreio 999, Joaquim Curado, de 31 anos, natural de Vale de Santarém e residente na Avenida Elias Garcia, 84, loja que depois de pensado no Banco do Hospital de São José, recolheu a casa.

— No posto da Cruz Vermelha do Calvario recebeu curativo e seguirá para casa depois, Maria Isabel, de 48 anos, natural de Lamego e residente em Alégro, que na Junqueira foi colhida por uma carroça, ficando ferida na perna esquerda.

— Na sala de observações do Banco do Hospital de São José, faleceu a madrugada passada aquela mulher, cuja identidade ainda se ignora e que, como noticiámos, foi na noite de ante-ontem atropelada por um automóvel na rua de São Paulo. O cadáver foi removido para a casa mortuária do mesmo hospital.

— No Hospital de São José estiveram ontem os agentes da Policia de Investigação, Paulitos e António Costa, ouvindo o presidente da Associação de Classe dos Fradeiros, António Dias Tavares, que, como noticiámos, ali deu entrada na manhã de 25 ultimo, apresentando ferimentos na cabeça e contusões pelo corpo, constando ter caído por uma escada de um sótão na sede daquela colectividade, rua do Arsenal, 108. Parece, porém, haver suspeitas de que se trata de uma agressão. O ferido entrou-se internado na enfermaria de Santo António, sendo ainda grave o seu estado.

— Silvino Quintela, de 22 anos, trabalhador, natural de Soure, sem residência certa, devido a falta de trabalho, andava ontem à tarde esmolando pelos sítios do Arieiro. Quando passava pela linha férrea, no momento em que também ali passava o rápido do Porto, a pressão de ar deslocado por este, derrubou o Silvino que caiu por uma ribanceira, ficando com vários ferimentos na cabeça e pelo resto. Transportado num auto da Cruz Vermelha ao Hospital de São José, recolheu à sala de observações depois de devidamente pensado no Banco.

## Um livro sensacional

Quereis saber o que é o bolchevismo russo como reacção contra o espírito revolucionário?

Lêde o impressionante livro de Archinoff

## A HISTÓRIA DO MOVIMENTO MACNOVISTA

em que se descreve com todo o rigor e exactidão a revolução dos camponeses esmagada pelo governo dos sôvietes.

UM GROSSO VOLUME Eac. 10\$00

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. Desconto aos revendedores.

## O APOIO Á CAMPANHA DE A BATALHA

O operariado de Fanhões enviou-nos, por intermédio do nosso correspondente naquela localidade, um ofício saudando a Batalha pela rigorosa campanha que vem empregando contra a alta finança.

— Na última assembleia geral da Associação dos Trabalhadores Rurais de Sibório foi aprovada uma saudação ao nosso jornal pela sua campanha contra os escândalos da alta finança.

## Manta perdida

Na terça-feira o camarada José de Evora transitou num «taxi» da Avenida Duque de Avila para a rua General Tabora, onde, a hora da madrugada de terça-feira, Esqueceu-se o cliente dum manta côn de café, nova, dentro do carro e pede ao «chapeiro» a fíeza de a entregar na redacção deste jornal.

— Em educação toda a despesa dá largos rendimentos. O capital social empregado na educação do povo é o que produz mais rendimento e fomento colectivos.

— A criação da Escola Única é uma economia, quais compensadora, visto que traz consigo a extinção de todas as escolas que, numa concorrência desinteligente, admitem menores de 14 anos: as escolas elementares industriais, comerciais e de desenho, as três primeiras classes liceais desapareceriam e, até, alguns liceus, cuja existência apenas se justifica e se sustenta por essas três primeiras classes. Mesmo que houvesse aumento de despesa, nós julgamos que em Educação não se deve regatear dinheiro, sempre que ele seja aplicado no que é necessário, e a Escola Única é uma necessidade colectiva, indispensável a uma boa educação social.

— Não somos tão pobres como é uso afirmar, por quanto se gasta muito dinheiro em tanta coisa supérflua, inútil e impropositiva. Um Estado que desperdiça (mais de 200 contos num favor a um jornal que organiza uma caligrafia brutal atraiva do país, um Estado que espatifa imprevidente e constantemente aéroplanos, que dá pensões a quem herda mais de cem contos em bens, não é evidentemente pobre.

(Continua)

## AGREMIAÇÕES VARIAS

Caixa de Solidariedade do Pessoal dos Armazéns Grandes—Realizou no dia 26 a assembleia geral ordinária, aprovando o relatório e contas da gerência de 1925 e elegendo para 1926 a seguinte comissão administrativa: Secretário geral, Joaquim Jaime da Costa Ribeiro, tesoureiro, António João Rodrigues Consoiado; vogais, Eduardo Silva, Alfredo Gavazzi e Carlos Augusto Lopes.

— Associação dos Jardins-Escolas João de Deus—No próximo domingo, pelas 14,30 horas, reúne a assembleia geral dessa associação para eleição dos corpos gerentes. Não comparecendo número suficiente de sócios fica desde já feita a 2.ª convocação para o dia 7 do próximo mês de Fevereiro, à mesma hora.

## TIVOLI

Soirée a's 8 3/4

## Basta de Mulheres!

Comédia em seis partes com Madge Bellamy

## A opinião publica

Cine drama em 7 partes Enredo e ensençâo de CHARLIE CHAPLIN (Charlot) Interpretado por Edna Purviance e Adolph Menjou

Uma revista de actualidades

nas cenas acompanhadas de suas famílias sómente têm entrada gratuita nos matinées das 5.ª, 10.ª, 15.ª, 20.ª, 25.ª, 30.ª, 35.ª, 40.ª, 45.ª, 50.ª, 55.ª, 60.ª, 65.ª, 70.ª, 75.ª, 80.ª, 85.ª, 90.ª, 95.ª, 100.ª, 105.ª, 110.ª, 115.ª, 120.ª, 125.ª, 130.ª, 135.ª, 140.ª, 145.ª, 150.ª, 155.ª, 160.ª, 165.ª, 170.ª, 175.ª, 180.ª, 185.ª, 190.ª, 195.ª, 200.ª, 205.ª, 210.ª, 215.ª, 220.ª, 225.ª, 230.ª, 235.ª, 240.ª, 245.ª, 250.ª, 255.ª, 260.ª, 265.ª, 270.ª, 275.ª, 280.ª, 285.ª, 290.ª, 295.ª, 300.ª, 305.ª, 310.ª, 315.ª, 320.ª, 325.ª, 330.ª, 335.ª, 340.ª, 345.ª, 350.ª, 355.ª, 360.ª, 365.ª, 370.ª, 375.ª, 380.ª, 385.ª, 390.ª, 395.ª, 400.ª, 405.ª, 410.ª, 415.ª, 420.ª, 425.ª, 430.ª, 435.ª, 440.ª, 445.ª, 450.ª, 455.ª, 460.ª, 465.ª, 470.ª, 475.ª, 480.ª, 485.ª, 490.ª, 495.ª, 500.ª, 505.ª, 510.ª, 515.ª, 520.ª, 525.ª, 530.ª, 535.ª, 540.ª, 545.ª, 550.ª, 555.ª, 560.ª, 565.ª, 570.ª, 575.ª, 580.ª, 585.ª, 590.ª, 595.ª, 600.ª, 605.ª, 610.ª, 615.ª, 620.ª, 625.ª, 630.ª, 635.ª, 640.ª, 645.ª, 650.ª, 655.ª, 660.ª, 665.ª, 670.ª, 675.ª, 680.ª, 685.ª, 690.ª, 695.ª, 700.ª, 705.ª, 710.ª, 715.ª, 720.ª, 725.ª, 730.ª, 735.ª, 740.ª, 745.ª, 750.ª, 755.ª, 760.ª, 765.ª, 770.ª, 775.ª, 780.ª, 785.ª, 790.ª, 795.ª, 800.ª, 805.ª, 810.ª, 815.ª, 820.ª, 825.ª, 830.ª, 835.ª, 840.ª, 845.ª, 850.ª, 855.ª, 860.ª, 865.ª, 870.ª, 875.ª, 880.ª, 885.ª, 890.ª, 895.ª, 900.ª, 905.ª, 910.ª, 915.ª, 920.ª, 925.ª, 930.ª, 935.ª, 940.ª, 945.ª, 950.ª, 955.ª, 960.ª, 965.ª, 970.ª, 975.ª, 980.ª, 985.ª, 990.ª, 995.ª, 1000.ª, 1005.ª, 1010.ª, 1015.ª, 1020.ª, 1025.ª, 1030.ª, 1035.ª, 1040.ª, 1045.ª, 1050.ª, 1055.ª, 1060.ª, 1065.ª, 1070.ª, 1075.ª, 1080.ª, 1085.ª, 1090.ª, 1095.ª, 1100.ª, 1105.ª, 1110.ª, 1115.ª, 1120.ª, 1125.ª, 1130.ª, 1135.ª, 1140.ª, 1145.ª, 1150.ª, 1155.ª, 1160.ª, 1165.ª, 1170.ª, 1175.ª, 1180.ª, 1185.ª, 1190.ª, 1195.ª, 1200.ª, 1205.ª, 1210.ª, 1215.ª, 1220.ª, 1225.ª, 1230.ª, 1235.ª, 1240.ª, 1245.ª, 1250.ª, 1

## AGENDA

CALENDÁRIO DE JANEIRO

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
T.	5	12	19	26	Aparece às 7,47
Q.	6	13	20	27	Desaparece às 17,53
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
S.	8	15	22	29	I.C. dia 14 às 2,5
S.	9	16	23	30	O.M. 7 12,15
D.	10	17	24	31	L.N. 14 19,25
					C.G. 20 11,30

## MARES DE HOJE

Fraijam às 2,53 e às 3,11

Baixam às 8,23 e às 8,41

## CAMBIOS

	Compra	Venda
Sobre Londres, cheique	95\$00	
Madrid cheque...	2577	
Paris, cheque...	573	
Suíça...	578	
Bruxelas cheque	89	
New-York, *	1955	
Amsterdão	787	
Itália, cheque...	79	
Brasil, *	295	
Praga, *	58,5	
Suécia, cheque.	58,5	
Austrália, cheque.	2576	
Berlim, *	4567	

## ESPECTÁCULOS

## TEATROS

Climax—A's 21,15—Fia Andreza.  
Epiro—A's 21,15—As Duas Causas.  
Tribuna—A's 21,15—A Faria de las Hermosas.  
Teatro—A's 21,30—O Nô te melindres, Beatriz.  
São Luís—A's 21,15—A Moça de Campanilhas.  
Tremor—A's 21,15—O Pão de Lá.  
Cunha—As 20,30 e 22,30—Fungida.  
Teatro Vitorino—A's 20,30 e 22,30—Foot-Ball.  
Coliseu—A's 21—Grande companhia de circo.  
A's 14,30—Matine.  
Salão 10—A's 0,45—O Pirolo—Animatógrafo e Variades.  
Eloísa Eli Vicente (à Graça)—Espectáculos às 3,30, sábados e domingos com matinées.  
Tremor—Lisboa—Todas as noites. Concertos e diversos.

## CINEMAS

Tirol—Olympia—Central—Condes—Chiado—Teresópolis—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Tortoise—Cine Paris.

## FATOS completos e sobretudos

em bom cheiro com bons forros e bom acabamento, para homem, desde... 129\$00  
IMPENITENTES para homem com cinto e capuz... 149\$00  
Dicas facias gabardine e oleado para vestir dos dois lados, cores, preto e bege... 245\$00  
Dicas facias para vestir dos dois lados, castanho e bege, de... 425\$00  
Dicas... 380\$00  
Imitação de camurça e cabedal, modelo para automóvel... 400\$00  
IMPENITENTES para senhoras com cinto e capuz... 129\$00  
Em... 225\$00  
Descontos para revenda

Para a província remetemos catálogos com amostras a quem pedir  
170, Rua da Boa Vista, 122  
Rua do Amparo, 36

## "Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

## O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

## A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arckinof. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

28-1-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

## Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de A Batalha.

28-1-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

28-1-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

28-1-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

28-1-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

28-1-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

28-1-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

28-1-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

28-1-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

28-1-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

28-1-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

28-1-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

28-1-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

28-1-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

28-1-1926

OS MISTÉRIOS DO POVO

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redação e administração—Empresa Literária Fluminense, Límita—R. dos Retirozinhos, 125—LISBOA.

A venda na administração de A Batalha.

28-1-19

# A BATALHA

A CAMINHO DO SGISMA

## Prelúdios da luta de classes na Rússia

Enquanto o proletariado é arremessado para a servidão, uma nova burguesia prepara-se para gozar faustosamente a vida

REVAL, Janeiro — Na Rússia, a oposição foi batida e repelida apenas teoricamente. E só teoricamente os chefes da oposição foram liquidados no campo da luta. Agora, nas organizações locais, uma agitação campanha vai desencadeando-se, com o fim de fazer conhecer e aprovar as decisões de maioria.

O objectivo, porém, dificilmente será atingido, porque a oposição não é unicamente a manifestação de vários chefes ambiciosos, apesar do seu sofisismo aparente. O descontentamento, as desilusões, tomaram uma grande parte da massa popular. E só por isso é que se torna duvidoso o êxito do trabalho que o conselho central do partido comunista pretende realizar com a exclusão pura e simples dos opositores.

Não estão esclarecidas as razões que levaram o povo a apoiar o partido em outubro de 1917. Zinoviev declarou ainda que o povo apenas deseja a igualdade. Lenine emitiu muitas vezes a opinião de que o povo estava farto da guerra e queria partilhar das terras. Eles os únicos motivos da sua grandiosa insurreição.

Mas veio logo o partido comunista. E tanta propaganda fez, tanta ilusão incutiu na população, que ela actualmente se sente tão mal como durante o jugo tsarista e, fazendo confronto das realidades, só encontram razões para viver descontente. Foram os clamorosos protestos da multidão que originaram o tumultuoso debate sobre capitalismo de Estado, a nova política económica, os privilégios aos koulaks, efectivos do partido, sobre as questões que preconizaram o último congresso.

O estado de espírito e as reflexões simples dos trabalhadores

O raciocínio popular acerca do regime soviético, formado no final de 1925, impressionou o sr. Bukharine, chefe da maioria, que se defendeu num discurso pronunciado em Moscou, há dias. O blandicílio político, enleadeamente, confessou que o operário tinha razão em face dos estabelecimentos luxuosos, ao passo que, no nono ano da revolução, os seus filhos continuam desprovidos do necessário. E, assim, o operário pensa justamente:

— Onde vamos parar?

E a angústia, a inquietação, agitam nervosamente os operários que das aldeias vêm trabalhar para as fábricas. Os novos não se resignam e protestam; os velhos também não se resignam, embora não protestem. E todos dizem:

— É ridículo afirmar-se que há socialismo, se em nossas casas não há roupas para se vestirmos as crianças e se há luxo demasiado nos armazéns...

E quando se fala na edificação do socialismo só na Rússia, ao mesmo tempo que se diz que o proletariado internacional não presta o auxílio a um povo que vai ser destruído, pelo capitalismo de todos os países, o operário, farto de ouvir, riposta:

— Como se pode afirmar a um tempo que o socialismo se faz bem num só país e desejá-lo a revolução internacional?

Na nova política económica apenas o operário vê a criação de novos lares burgueses, de uma nova burguesia. Nada há já nenhuma cooperativa, tudo se tem dado ao comércio particular. Os armazéns do Estado têm despidos em favor de estabelecimentos particulares.

O sr. Bukharine sabe de tudo isto, e procura defender-se. E vai dizendo que os operários há muito tempo que pensam muito mal do regime. Conclui depois que o único remédio para a má situação do povo — é a resignação...

(Recebido por intermédio da agência Havas).

## Os sindicatos alemães manifestam-se contra a arbitragem nos conflitos de trabalho

Cursos de Instrução Geral Elementar, Português e Francês

Tem lugar hoje a inauguração do curso de Instrução geral elementar, que se realizará às segundas e quintas feiras, das 20,30 a 22,30 horas.

Por conveniência dos professores, foi acordado transferir a inauguração dos cursos de Português e Francês para a próxima quarta-feira, dia 3 de Fevereiro, passando os mesmos a funcionar, ao contrário do que já se havia anunciado, às quartas e sábados, com o seguinte horário: Francês — das 20 a 21 horas. Português — das 21 a 22 horas.

Para estes cursos criados pelo Núcleo da Juventude Sindicalista, encontra-se aberta a matrícula únicamente até à realização da segunda aula de quaisquer dos cursos, podendo inscrever-se sócios efectivos e auxiliares. Pela matrícula paga-se a quantia de 5500, devendo todos os camaradas que possam, contribuir mensalmente com uma cota voluntária, para o fundo especial de instrução, em virtude das despesas provocadas pelos cursos. Todos os camaradas que não tenham trabalho e que por esse facto não tenham possibilidades de pagar matrícula e cotas, não devem por esse facto deixar de matricular e frequentar os cursos, pois não lhes é vedado o seu acesso.

Devem vir à sede do núcleo todos os camaradas inscritos na inscrição provisória para regularizarem a sua matrícula, devendo apresentar-se em matricular-se todos os camaradas que assim o desejem.

Liga de Ação Educativa

Os indivíduos e colectividades que se interessam pela formação da «Liga de Ação Educativa» voltam a reunir hoje, às 20,30 horas, na escola-oficina n.º 1, à Graça, para continuação da discussão do projecto de estatutos da Liga.

Academia de Amadores de Música

Realiza-se no salão desta Academia, na próxima segunda-feira, às 21 horas, um concurso em que tomam parte elementos de conhecido valor.

Assinar

Os Mistérios do Povo

EM VILA NOVA DE GAIA

## Um industrial feroz e desumano

VILA NOVA DE GAIA, 24. — No passado dia 14 referiu-se a *Batalha*, mais uma vez, à maneira desumana como o industrial Calheiros explorava os seus operários, ao mesmo tempo que provavam que aquele explorador nunca tinha satisfeitos os aumentos de salário concedidos pela A. I. P. Por esse motivo a *Batalha* foi evidentemente apreciada nas fábricas de cortiça.

Em todos os cantos se encontravam operários comentando a nossa correspondência ao mesmo tempo que escapulavam o procedimento dos operários que muito cordeamente tinham desmentido a veracidade dos factos apontados na nossa correspondência do dia 6.

Ao mesmo tempo que os operários corticeiros nos davam o seu apoio, também o sindicato respetivo nos dava o seu incondicional apoio, e confirmando as nossas afirmações em nota oficiala enviada aos jornais da vizinha cidade.

Esse feito veio dar-nos mais coragem para desmascarar o sr. Calheiros e mais autoridade moral para o fazer.

João Calheiros, o *meneur* dos industriais corticeiros do norte, fez uma fortuna na avalanche da guerra, à custa da miséria e do sofrimento dos operários corticeiros.

Quando tomou conta da fábrica que ainda hoje possui era um pobrebrana. Era advogado (mas que advogado era...) que não possuía clientes, se sujeitava a ganhar meia diaz de vintens para ir vivendo.

Teve a felicidade de casar com uma senhora rica, filha do industrial corticeiro Augusto de Almeida, e por morte desse tomou o sr. João Calheiros conta da fábrica. O homem, então, principiou a sua nova vida. Era tal a sede de dinheiro que a tudo se sacrificava.

O seu maior ponto de apoio era a exploração dos operários, e assim fez uma fortuna em pouco tempo.

Veio a guerra, e como toda a gente sabe, foi uma época de ambigões mesquinhias, e Calheiros envolveu-se no turbilhão das ambigões e mais aumentou a fortuna.

Mas, a fortuna adquirida por João Calheiros não lhe pertence!!!

Ela é o resultado de uma exploração ignobil!

Está amassada com o suor, com a dor, com a fome dos operários corticeiros do norte, que infelizmente não vêm de volta a este se possam adaptar e cabem dentro da sua tradição e da capacidade étnica.

Para a felicidade realização dum regime representativo é essencial a matéria-prima: o eleitor.

Todas as constituições da Europa moderna reposam, mais ou menos, na soberania da nação, que não é um princípio novo, pois que deles se encontram vestígios no direito romano que considerava o imperador como um mandatário da nação.

Nalguns países as constituições alargam as funções reais, noutros restringem-nas alargando os limites do exercício da soberania popular.

A característica do sistema é a delegação dos poderes da nação nos seus representantes, que geralmente formam duas câmaras.

Uma câmara dos deputados, que é composta pelos indivíduos que estão mais em contacto com o povo, a outra, câmara alta, em que predominam as classes elevadas, que não entravam a marcha do progresso, serve para moderar as impaciências populares, formuladas pela câmara baixa, que podem colidir com o interesse geral.

Há geralmente três poderes do Estado, o legislativo, o executivo e o judicial. Neste regime tem o rei um grande papel a desempenhar: equilibrar esses três poderes.

Passa depois a historiar a traços largos, o desenvolvimento do constitucionalismo em Portugal. Aparecem-nos os primórdios desse regime em 1808, quando Portugal estava dominado pelos franceses.

As aguas de Napoleão não espalharam pelo mundo a felicidade como se pensava, mas fóveames, ruínas e crimes. Lembra a história do paratílico da ponte de Coimbra a quem os soldados heroicos de Napoleão cortaram a língua para conjurar o mau agir.

Refere-se a indivíduos que foram submetidos a tormentos para revelarem o local onde se encontravam tesouros escondidos.

Em 1808, houve portugueses que pediram a Napoleão um princípio da sua família para rei de Portugal e uma constituição que era baseada na do grão-duque de Varsóvia.

A constituição pedida tinha um carácter muito pouco liberal.

A câmara alta seria formada por seis prelados e por doze indivíduos da primeira nobreza. A câmara baixa seria escolhida de forma a nela predominar a aristocracia.

A repressão de Pina Manique não tinha podido obstar ao desenvolvimento das ideias liberais a que deu um novo incremento a sangrenta repressão de conspiração.

Sentindo a necessidade de aniquilar o movimento nascente, Beresford vai ao Brasil pedir a D. João VI poderes mais amplos, e durante a sua ausência, em 24 de Agosto de 1820, as ideias liberais triunfaram no Porto.

Tendo o país aderido, reuniu-se a constituinte que elaborou a constituição de 1822. Era essa constituição, a-pesar-de monárquica, mais radical que a constituição republicana actual. Era uni-cameral, o rei não tinha a faculdade de dissolver a câmara, e eram os deputados eleitos por dois anos.

Afirmou o conferente que esta constituição estava, pelo seu radicalismo, em oposição ao sentimento nacional. Pouco tempo se manteve a constituição, pois que do «Vilafranca», movimento chefiado pelo infantino D. Miguel, foi revogado e passou D. João VI a governar como rei absoluto até ao fim da sua vida.

Em 1826 é outorgada por D. Pedro a carta constitucional que foi jurada pela infanta D. Isabel Maria. Aponta o conferente que nesse regime há belezas e que foi útil no passado.

Quanto ao futuro, dadas as tendências tão divergentes que sofremos, porque de qualquer dos lados havia ideias e havia convicções.

Depois da convenção de Evora-Monte, em 1834, a carta foi restabelecida. Estabelecia a carta quatro poderes do Estado: o moderador, o legislativo, o executivo e o judicial.

O poder moderador era exercido pelo rei, fulcro do organismo do Estado neste regime. Podia comutar e indultar penas.

Tinha o direito de dissolução.

Este poder legislativo era exercido por duas câmaras: a dos pares, vitalícios e hereditários, e dos deputados de eleição indirecta.

Procurava a carta harmonizar os velhos privilégios sociais com as aspirações da democracia que se vinham afirmando.

Mas as sociedades latinas estão em cons-

Unde estão os cem mil contos em notas de 1.000 escudos?



Foram muito concorridas as reuniões da Funcheira e de Faro promovidas pelo Sindicato do Sul e Sueste

do Sul e Sueste

Vida Sindical

C. O. T.

Reunião importante

Para assunto de superior importância, reuniem hoje em conjunto, pelas 21 horas, o Comité Confederal e o Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e de Solidariedade.

Câmara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

A comissão organizadora nomeou ontem o delegado Sebastião Marques para representar este organismo na sessão que se realiza hoje às 21 horas no Sindicato dos Lisboetas.

Comissão Instaladora

Para assunto da máxima urgência, reúnem hoje em conjunto, pelas 20 horas, com a comparsa de todos os seus membros.

COMUNICAÇÕES

Compositores Tipográficos. — A direcção deste Sindicato tendo conhecimento que por vezes a cobrança não é feita regularmente, pedia aos colegas sindicados quando tal se lhe comunicarem para exigir o cobrador que tais faltas se não dê.

Como chegassem ao conhecimento da direcção deste Sindicato que alguns tipógrafos do *Século* estavam acumulando e que os do jornal *A Tarde* se preparam também para esse fim, a direcção vai oficiar-lhe para que tal acumulação não continue, assim como os respectivos quadros para obstar a essa traição, neste momento.

Caixeiros de Lisboa. — A assembleia geral, pelas 20 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Apresentação, discussão e votação do relatório e contas da direcção.

2.º Nomeação de uma comissão encarregada de rever e actualizar os estatutos da colectividade. 3.º Nomeação das comissões de instrução, propaganda e melhoramentos. 4.º Eleição dos corpos gerentes para o ano de 1926. Se por falta de número a assembleia não funcionar, fica desde já convocada para 11 de Fevereiro, às 20 horas, no mesmo local, deliberando com qualquer número de associados.

Impressores Tipográficos. — Reunião em assembleia geral, tendo aprovado a moção apresentada por José Pereira Fernandes e Joaquim Figueiredo, que já havia sido igualmente aprovada na sede do Sindicato no Barreiro.

Faro. — A segunda reunião efectuou-se em Faro. Aberta a sessão às 19,30, assumiu a presidência António José dos Santos, secretário Manuel Joaquim Júnior e Manuel Inácio Costa. Usou em primeiro lugar da palavra Alfredo Pinto, membro da comissão de melhoramentos, que verberando o procedimento das entidades superintendentes dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste.

Procedendo-se à votação dos novos corpos gerentes foi aprovada a moção apresentada à assembleia do Barreiro e já assumida pela Funcheira. Sobre a assunção da palavra, em nome da actual comissão, o delegado Alfredo Pinto, membro da comissão de melhoramentos, que expôs a situação em que se encontram as reclamações formuladas ao ministro do Comércio e verberando o procedimento das entidades superintendentes dos Caminhos de Ferro do Estado.

Procedendo-se à eleição dos novos corpos gerentes foi aprovada a moção apresentada à assembleia da Funcheira e já assumida pela Funcheira. Sobre a assunção da palavra, em nome da actual comissão, o delegado Alfredo Pinto, membro da comissão de melhoramentos, que expôs a situação em que se encontram as reclamações formuladas ao ministro do Comércio e verberando o procedimento das entidades superintendentes dos Caminhos de Ferro do Estado.

2.º Nomeação de uma comissão encarregada de rever e actualizar os estatutos da colectividade. 3.º Nomeação das comissões de instrução, propaganda e melhoramentos. 4.º Eleição dos corpos gerentes para o ano de 1926. Se por falta de número a assembleia não funcionar, fica desde já convocada para 11 de Fevereiro, às 20 horas, no mesmo local, deliberando com qualquer número de associados.

Assembleia geral: António Ferreira e Mário G. Costa, Conselho Fiscal: Daniel Silva, Carlos Dias e Eduardo de Oliveira. Direcção: Eduardo de Barros, tesoureiro; Venceslau de Oliveira, António Costa, Carlos de Oliveira e Alvaro Santos, que entre si distribuirão os cargos. Delegados à F. L. J. e S.: António Costa e Raul de Sousa. Delegados à C. S. T.: Raúl Curado, Carlos Dias e Daniel Silva.

Foi ainda resolvido contribuir com 20\$00 para auxílio da realização do 2.º Congresso das Juventudes Sindicistas.

S. U. da Construção Civil. — Conselho Técnico. — Reunião ontem tendo sido dada a nomeação de uma comissão administrativa que ficou composta dos seguintes camaradas: Manuel Rodrigues Costa, Alberto Dias, Félix António Fernandes, António José do Lugar, António Nunes Loureiro e Manuel Patrião.

Secção dos Carpinteiros. — Reunião a assembleia geral, resolvendo contribuir com 50\$00 para auxílio da realização do 2.º Congresso da Juventude Sindicista.

Apreciando o balanço do 2.º semestre